



SARA STOPPAZZOLLI

EM
LEGÍTIMA
DEFESA

~~DARKSIDE~~









ELAS EM LEGÍTIMA DEFESA

SARA STOPPAZZOLLI



SARA STOPAZZOLLI

ELAS

EM
LEGÍTIMA
DEFESA

ILUSTRAÇÕES
JULIANA RUSSO

~~DARKSIDE~~

Copyright © Sara Stopazzolli, 2020
Ilustrações © Juliana Russo, 2020

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Gerente Comercial
Giselle Leitão

Gerente de Marketing Digital
Mike Ribera

Editores
Bruno Dorigatti
Lielson Zeni
Marcia Heloisa
Raquel Moritz

Editora Assistente
Nilsen Silva

Capa e Direção de Arte
Retina78

Designers Assistentes
Aline Martins/Sem Serifa
Flavia Castro

Finalização
Sandro Tagliamento

Revisão
Cecília Floresta
Retina Conteúdo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Stopazzolli, Sara
Elas em legítima defesa : elas sobreviveram para contar /
Sara Stopazzolli ; ilustrações Juliana Russo. —
Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2020.
192 p.

978-85-9454-205-2

1. Violência contra mulheres — Narrativas pessoais
I. Título II. Russo, Juliana

20-1373

CDD 362.830981

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência contra mulheres — Narrativas pessoais

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

DarkSide® Entretenimento LTDA.

Rua Alcântara Machado 36, sala 601, Centro
20081-010 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil

www.darksidebooks.com



**“EU NÃO DESEJO QUE AS MULHERES TENHAM PODER
SOBRE OS HOMENS, MAS SOBRE SI MESMAS.”
— MARY WOLLSTONECRAFT**

**“TUDO QUE É SILENCIADO,
CLAMARÁ PARA SER OUVIDO.”
— MARGARET ATWOOD**

**“SOMENTE A LINGUAGEM NOS PROTEGE
DO TEMOR DAS COISAS INOMINÁVEIS.”
— TONI MORRISON**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... P. 10

CAP. 01

AMOR P. 16

CAP. 02

VIOLÊNCIA P. 36

CAP. 03

O DIA DO FATO P. 70

CAP. 04

JULGAMENTO P. 88

CAP. 05

RECONSTRUÇÃO..... P. 128

ANEXOS..... P. 153

POSFÁCIO..... P. 168

INTR

LEGÍTIMA DEFESA

**“Entende-se por legítima
defesa quem, usando
moderadamente dos meios
necessários, repele injusta
agressão, atual ou iminente,
a direito seu ou de outrem.”**

Artigo 25 do Código Penal

Em 2013, minha irmã Leda, produtora de cinema e estudante de Direito, veio com a ideia de fazer um documentário sobre mulheres que, para sobreviver, precisaram matar seus companheiros. A suposição lhe passou pela cabeça durante uma aula de processo penal, sem que ela jamais tivesse visto ou se deparado com um caso concreto. Chegamos a nos perguntar se isso sequer existia e se poderíamos retratar esse tipo de situação.

Em 2013 não se falava em feminicídio. Não havia a lei do feminicídio. A Lei Maria da Penha já estava em vigor há sete anos, mas as questões de gênero, incluindo a violência contra as mulheres, ainda não eram debatidas amplamente como passaram a ser após a Primavera das Mulheres de 2015. Na condição de mulher branca privilegiada, nascida na classe média sulista em um lar sem violência, eu realmente não tinha noção da dimensão da violência contra a mulher no Brasil. Acreditava no que imagino ser o senso comum por aqui, que os agressores são homens bêbados e machistas e os que chegavam a matar sofriam, na maioria das vezes, de algum tipo de psicopatia.

Naquela época, quando um caso de assassinato de mulher chegava à imprensa, aos programas sensacionalistas da tv aberta e outros como o *Linha Direta*, era sempre tratado como homicídio passional. Um homem que amava demais, ciumento, pobrezinho, a mulher devia ter alguma culpa nisso aí, provocou, fez alguma coisa para que ele ficasse desse jeito. Em 2008, foi assim que os apresentadores de programas vespertinos e os comentaristas convidados trataram Lindemberg Alves, que matou a ex-namorada Eloá, de 15 anos, após mantê-la em cárcere privado por mais de cem horas em Santo André, São Paulo.

Lembro do impacto que esse caso provocou em mim. Eu não conseguia aceitar a tese de crime passional. Eloá morreu por ser mulher e ter expressado seu desejo — não ficar mais com Lindemberg — em uma sociedade na qual nem sempre as mulheres podem ter desejos respeitados. Lindemberg a sequestrou e a matou na condição de um homem criado em uma sociedade na qual homens podem exercer poder sobre corpos e desejos de mulheres, além de agir com violência diante de qualquer ameaça que fuja do roteiro. Naquela época, eu achava ainda que, aliado a isso, Lindemberg não batia muito bem da cabeça ou tinha traços de psicopatia.

Comecei a pesquisar e não encontrei nenhuma obra ou pesquisa acadêmica que se dedicasse especialmente à legítima defesa das mulheres. Pareceu-me, em um primeiro momento, que o assunto era algo menor às vistas do judiciário ou até mesmo um tabu. Parti do zero, lendo processos judiciais, conversando com defensores e funcionários dos fóruns, e descobri que casos de mulheres que tomaram uma atitude extrema para sobreviver existiam, sim, e muito. Só que não ficávamos sabendo. Ao menos naquela época, raramente viravam notícia ou publicação em redes sociais.

Entrei em um modo obsessivo de leitura, lendo um processo atrás do outro e mais outro. Eram histórias de dor, violência, horror e angústia, expostas com a frieza habitual da linguagem jurídica e seus carimbos burocráticos. Um sentimento de raiva impediu que eu me acostumassem com o drama que, repetido tantas vezes, poderia tornar-se “normal”, aceitável, parte do status quo. Pelo contrário. Diante da crueza do mundo, com suas tantas minúcias e detalhes geralmente ocultos no processo judicial, senti que deveria dividir essa realidade com mais pessoas.

Para isso, eu precisava conhecer essas mulheres pessoalmente, entender o modo delas de estar no mundo, os contextos específicos do machismo e do patriarcado que produzem e naturalizam os relacionamentos violentos. Apesar de ser mulher, no início eu olhava para tudo com distanciamento, como um ser de uma cultura tentando entender o de outra. Ao longo do processo, me dei conta de que não era bem assim e precisei encarar minha própria vulnerabilidade.

Em 2016, às vésperas de fechar o roteiro do documentário, minha planilha registrava cinquenta casos ocorridos nos últimos quinze anos nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A maioria já havia sido julgada. Tentei localizar todas as mulheres, principalmente através dos endereços que constavam nos processos, mas não foi fácil. Muitas já haviam mudado de bairro ou de cidade para tentar reconstruir a vida longe de julgamentos e retaliações.

Em relação à classe social destas mulheres, a questão é diferente. Localizei somente um caso de uma mulher de classe média alta, mas ao contrário das outras, ela não era ré confessa. Após matar o marido a facadas no apartamento onde moravam, na Barra da Tijuca, ela pegou o carro e fugiu com o filho para São Paulo. Muniu-se de bons advogados e, meses depois, entregou-se à polícia, alegando ter agido em legítima defesa após uma discussão. Na audiência que decidiria se ela iria ou não a júri popular, ela usou de seu direito de permanecer em silêncio. Entendi que, seja por instrução dos advogados ou por alguma autopreservação, ela não falaria sobre o assunto. Nem em juízo e muito menos comigo. A mulher foi pronunciada para ir à juri popular e hoje, quase dez anos após o crime, a data da sessão ainda não havia sido marcada. Ela responde ao processo em liberdade. Acredito que esse comportamento se repita em mulheres com acesso a advogados e que, por conta da posição que ocupam na sociedade, entendem que tenham “muito a perder” com exposições desse tipo.

Há momentos dessa busca dos quais nunca me esquecerei. Lembro dos olhos tristes do pai de J* me pedindo que a deixasse para lá; ela estava em outra cidade e não podia nem telefonar para ele com medo de

descobrirem seu paradeiro. No processo sobre J*, lemos que, em abril de 2009, ela deu uma facada no olho de seu ex-companheiro, que a violentava por não aceitar o fim da relação. Ele faleceu alguns dias depois. Ela alegou legítima defesa e junto aos autos estão duas denúncias de violência doméstica contra ele. Uma audiência para apurar as agressões fora marcada para o mês de julho. Mas abril chegou antes. J* foi absolvida pela Justiça, mas não pela sociedade e talvez nem por ela própria. De vez em quando, com o coração apertado, a imagino em uma cidade pequena, praiana, servindo turistas em um restaurante, se policiando o tempo todo para não olhar para trás.

Lembro bem de outro momento em que quase desisti de tudo, quando me vi como uma invasora da dor alheia após ouvir, ao telefone, o choro de E*: “Ai, meu Deus, por que a senhora veio atrás de mim? Agora o fantasma voltou. Achei que esse assunto já tinha acabado, mas tô sofrendo tudo de novo”. E* havia matado o companheiro com o vidro de uma garrafa quebrada, reagindo a uma agressão durante uma festa no Morro do Jacaré, zona norte do Rio. Várias pessoas testemunharam que E* tinha agido em legítima defesa e ela foi absolvida sumariamente, ou seja, não foi pronunciada para ir a júri popular. Conversamos por telefone muitas vezes, e sempre que eu tentava marcar um encontro, ela desconversava, pedia um tempo para pensar. Ela não dizia não. Sempre me atendia e pedia um tempo para pensar. Até vir o desabafo. Pedi desculpas e disse que não ligaria mais. Fui para a terapia aos prantos e saí de lá determinada a continuar. Eram poucas as mulheres que estavam dispostas a mexer na dor, mas elas existiam, e era nisso que eu deveria me agarrar.

No Rio de Janeiro, consegui ser recebida e entrevistar quatro mulheres: NICE, que conheci no dia de seu julgamento; DEISE, cujo contato foi dado por um vizinho que era amigo da diarista de minha irmã; EMÍLIA, indicada pelo defensor público de Nova Friburgo; e ÚRSULA, indicada pela defensora de Nova Iguaçu.

Em São Paulo, consegui contatar DORALICE e SORAIA a partir dos advogados que as defenderam. Ambas viviam em áreas rurais relativamente próximas a São José do Rio Preto. Doralice já havia sido julgada; Soraia iria a júri popular em uma data próxima e seu advogado me apresentaria a ela após o julgamento.

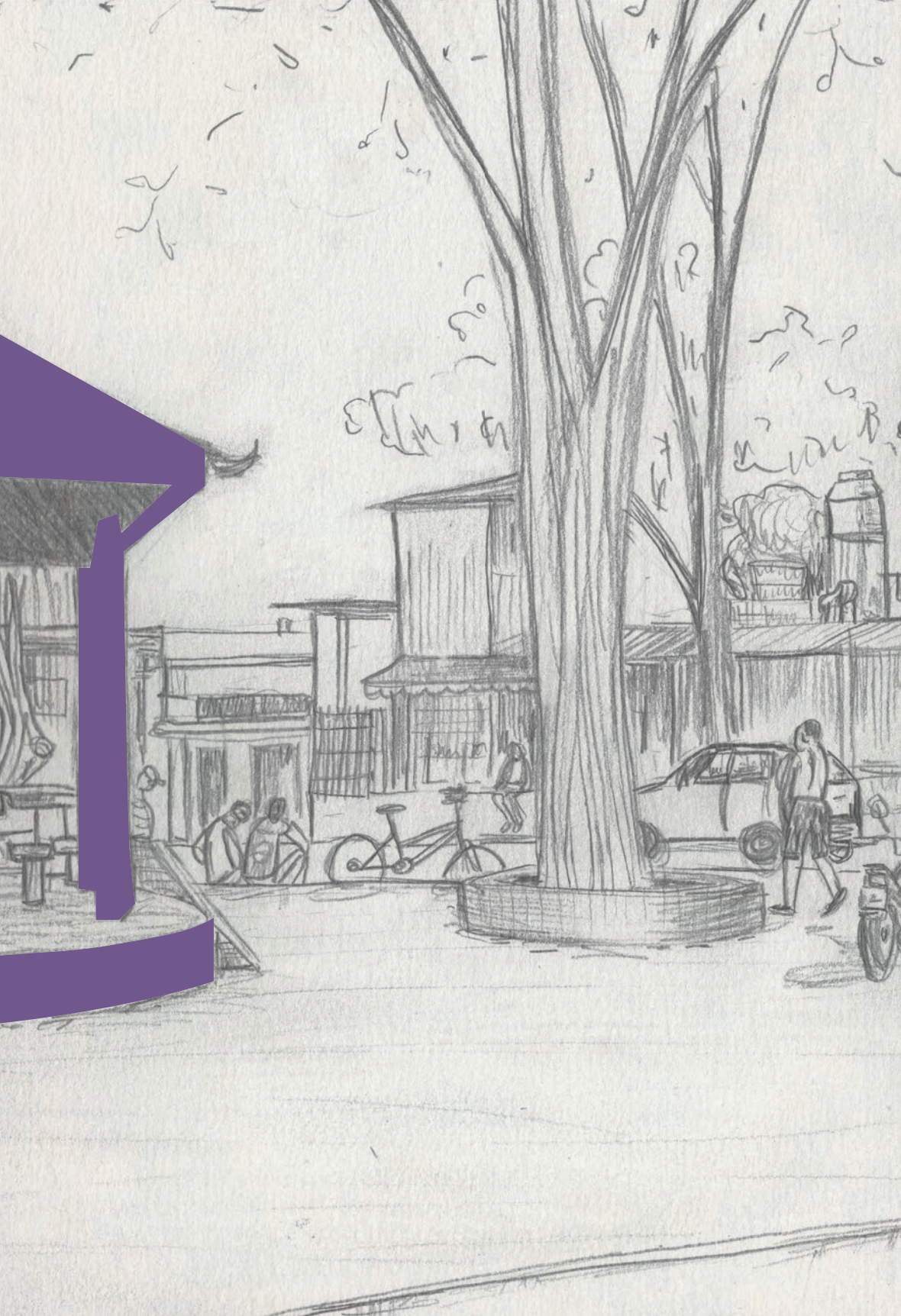
Este livro aborda a vida dessas mulheres que, apesar de tudo que passaram, não abriram mão de compartilhar suas histórias.

AMOR

CAPÍTULO .01

Ela me espera na entrada de sua comunidade, em Duque de Caxias (RJ), ao lado de um grande tronco atravessado no meio da rua. Acena sorridente quando me vê, uma semana após termos nos conhecido em seu julgamento. O motorista ajuda um rapaz a liberar a barricada e seguimos de carro por mais duas quadras até a casa dela. O muro está pintado de azul: mais claro para o céu, mais escuro





NICE tem a pele negra, o cabelo liso na altura do pescoço e um sorriso fixo rasgando o rosto. Em alguns momentos, de supetão, parece que a graça do mundo lhe falta e seu olhar fica frio, os olhos redondos como duas jabuticabas congeladas. Pouco tempo depois, ela derrete e a graça retorna, fixando o sorriso por mais um tempo. É assim que ela me conduz até o “barraco”, como chama a casinha de alvenaria com um pequeno quarto e sala, um banheiro e uma cozinha onde ela vive só. A filha mais nova, Liane, mora com suas duas filhas pequenas no mesmo terreno, em um puxadinho de um cômodo sem banheiro. Nice sugere que sentemos nas cadeiras da cozinha porque é mais fresco e ocasionalmente surge uma brisa. A sala/quarto, segundo ela, é quente demais, tem dias que não dá para dormir nem com o ventilador ligado. Não vejo muita diferença. Dentro ou fora de casa, o ar parece ter imensa dificuldade em circular por ali.

Nice não me pergunta sobre o projeto, sobre o filme. Quer falar do alívio de ter sido absolvida, inicia uma conversa de comadre. Pergunto sobre as meninas, sobre o ex-companheiro Carlos. Ela não se censura, não tem silêncios. Responde a tudo que pergunto e o que não pergunto também. Reage, se emociona. Sou uma desconhecida e parece que ela quer se conhecer através de mim.

De todas as mulheres com quem estive durante a pesquisa, Nice foi a que trouxe mais detalhes da fase da paixão. Seus olhos brilhavam, se rasgavam ainda mais, e ela parecia ainda sentir um frisson passeando pelo corpo inteiro quando se lembrava do “lance de pele” que tinha com Carlos. Ela estava com 49 anos quando a entrevistei e com 39 quando Carlos faleceu. E era como se tudo tivesse acabado de acontecer.

“EU SAÍA COM O CARLOS ESCONDIDA MESMO. A GENTE IA PRO BAR E ELE ME PEGAVA E ME BATIA NO MEIO DA RUA.”

“Tinha treze anos quando conheci o Carlos. Eu gostei muito dele. Fiquei três anos namorando. Depois eu *me achei* um dia. Ele me levou pra casa dele e começou a brincar comigo. Disse que eu tava com a mesma calcinha de ontem. Eu disse que não, ‘eu tô com outra calcinha’. Ele insistia que não, que eu tava usando a mesma. Aí, nessas alturas, eu mostrei que não

tava com a mesma calcinha e ele me abraçou, me levou pra dentro de casa, trancou a porta e nós começamos o que tinha que começar. Eu chorei, eu não queria, minha mãe vai morrer, meu pai vai brigar com a minha mãe. Aí, pronto. Fiquei presa lá um dia e uma noite com ele.

“Aí o irmão dele chamou meu irmão na beira do campo. ‘Ih, sua irmã já é mulher do meu irmão, tá lá dando pra ele na beira do campo.’ Caramba, meu irmão chegou em casa, chorou. Minha mãe ficou nervosa. Minha irmã foi lá na casa dele. ‘Carlos, solta a Nice, que meu pai vai matar minha mãe por causa disso.’ Eu comecei a chorar e fui embora com minha irmã. Aí, pronto. Cheguei em casa e meu pai já tava brabo. Ele era desses homem brabo. ‘Olha sua filha do jeito que tá’, dizia pra minha mãe. O Carlos tinha pedido pra minha mãe pra sair comigo, disse que ia me levar num aniversário. E eu achava que ia mesmo, me arrumei toda. Cheguei lá, não tinha aniversário nenhum.

“Aí quiseram me separar dele e me levaram pra Cabo Frio, pra casa da minha tia. Fiquei quinze dias lá. Foi um terror. Me botaram pra limpar o condomínio. Eu limpava as casas, e ela que ganhava dinheiro. Eu achava que estavam me fazendo de escrava. Ela era bruta, pegava meu cabelo e dava em mim. Eu sou a caçula e eu era mimada em casa. Era toda bem cuidada. E minha tia puxava meu cabelo pra trançar e eu chorava. Tentei fugir. Ela ligou pro meu pai, apavorada. Papai e mamãe chegaram lá. Conteí tudo pro meu pai, ele brigou com minha tia e me trouxe pra casa. Mas não me queria com esse namorado, meu pai detestava ele. Dizia que ele era comedor de mulher, que ele comia as filhas dos outros, que ia num lugar chamado Buraco da Onça. Ele era onze anos mais velho que eu. Falei: ‘Não, mas eu quero ele, vou casar com ele, é o homem que me fez e é ele que eu quero’. Aí, pronto. Eu saía com o Carlos escondida mesmo. A gente ia pro bar e ele me pegava e me batia no meio da rua. Ia arrancando os cabelos, ele sempre foi assim. E aquilo tudo eu gostava. Aquele homem me ama, aquele homem gosta de mim mesmo, não tem outra, esse que é bom. Com isso, a gente vai acostumando. Ele era igual bicho mesmo. Foi uma safadeza fora de série. Às vezes, eu pensava que não tava normal, não, isso tudo estava errado, por que eu tenho que aturar tudo isso? No que acabava de me bater, ele me agradava indo pra cama. Aí pra mim tava bom, ele acabava de bater e vinha no carinho. Depois de um tempo, eu não gostava mais e comecei a fazer mesmo o que ele achava que eu fazia, a fazer sacanagem, a bagunçar também, a sair com outros mesmo. Ele nunca viu, mas chegava nos ouvidos dele. Aí piorava as agressões. Aí, quanto mais ele batia, mais eu queria fazer de novo. Ficava dois, três dias fora. Aí voltava pra casa. Aí largava dele e voltava de novo. Era assim.”

SEGUNDO PESQUISA DO DATAFOLHA DE 2017,
29% DAS MULHERES BRASILEIRAS
AFIRMAM TER SOFRIDO ALGUM TIPO DE VIO-
LÊNCIA FÍSICA OU VERBAL, O QUE EQUIVALE A
16 MILHÕES DE MULHERES.

OFENSA VERBAL	AMEAÇA DE APANHAR	PERSEGUIÇÃO	BATIDA, EMPURRÃO OU CHUTE
12,2 MILHÕES	5 MILHÕES	4,6 MILHÕES	4,4 MILHÕES

AINDA SEGUNDO O DATAFOLHA, **40% DAS**
MULHERES DIZEM TER SIDO VÍTIMAS DE ASSÉ-
DIO, O QUE EQUIVALE A **23,2 MILHÕES DE**
BRASILEIRAS.

COMENTÁRIOS DESRESPEITOSOS NA RUA	COMENTÁRIOS DESRESPEITOSOS NO TRABALHO	ASSÉDIO FÍSICO NO TRANSPORTE PÚBLICO	ABORDAGEM AGRESSIVA NA BALADA (ABRAÇAR E BEIJAR SEM O CONSENTIMENTO)
20,4 MILHÕES	6,9 MILHÕES	5,2 MILHÕES	2,8 MILHÕES

AS PRINCIPAIS VÍTIMAS SÃO ADOLESCENTES E
JOVENS DE 16 A 24 ANOS E MULHERES NEGRAS.

Santa Fé do Sul fica quase na fronteira do estado de São Paulo com o Mato Grosso do Sul. Por ali, em todo canto se ouve música sertaneja: na lanchonete, no toque do celular dos pedestres, nas rádios dos carros vagando pelas ruas ou estacionados com o vidro aberto. Parece que a música fica suspensa no ar quente e abafado, no cheiro de terra úmida, nos troncos das árvores que ocupam as calçadas em intervalos regulares, e tudo isso combina demais, tudo se basta tanto que provoca até um certo torpor em quem respira.

A sala de audiência do fórum talvez seja o único lugar da cidade onde essa música não alcança. Ali o silêncio é sério, atento. Quem tem a palavra, tem a palavra. Sem me mover, assisto à primeira parte da sessão do julgamento de **SORAIA**, que termina com a sustentação de um promotor inflamado e seu apelo ao júri para que a condene por homicídio. Percebo sinais de concordância nos olhares leigos que quase não piscam, e me esforço para duvidar da minha própria percepção.

Abalada e preocupada, encontro o defensor, dr. Gilberto, no intervalo do almoço e ele me apresenta a Soraia, uma mulher de pele clara marcada pelo sol, de sobrancelhas e cabelos escuros e fartos. Está ao lado da filha Maíra, de 21 anos, fisicamente parecida com ela, só que mais corpulenta. Passariam facilmente por irmãs.

Falo de minha pesquisa e que havia viajado do Rio de Janeiro especialmente para vê-la. Comento também algo sobre a postura do promotor, mostrando de alguma forma minha empatia por ela. “Você acha que eu queria ter matado ele? Nunca! Nunca pensei em matar nem um bicho!”, defende-se, com os olhos já cansados de chorar. Digo que acredito nela e que gostaria de conversar com calma em outro momento. Ela diz que mora em Paranapuã (SP), a uma hora dali, e combinamos que eu iria na casa dela no dia seguinte.

A rodoviária mais próxima de Paranapuã fica a meia hora de táxi por uma estrada deserta. Depois de atravessar o portal, não é difícil encontrar a casa de Soraia. O município só possui quatro amplas ruas que se cruzam, e algumas poucas ramificações. Soraia me recebe de forma afetuosa, ainda que contida. Coloca cadeiras de praia na calçada em frente à casa e me convida para sentar.

Ela também não pergunta sobre minha pesquisa. No início, quer mais é se defender. Ficara desgostosa, completamente ofendida, com o comportamento do promotor. Precisa deixar claro para mim que nunca foi prostituta. Conta que trabalha muito e de forma honesta desde os treze

anos, que queria ter estudado, mas seu pai a tirou cedo da escola para trabalhar. Começou em casa de família, depois foi para o barracão embalar frutas que seriam transportadas para o Ceasa — saía de casa às seis da manhã e voltava a uma da madrugada. Em seguida, foi trabalhar na usina como cortadora de cana. “Eu sempre fui da roça. Catando laranja, tomate, carpindo. Tenho doze anos de registro na carteira de trabalho de serviço agrícola”, diz, mostrando-me suas mãos calejadas.

Soraia conta que se separou do primeiro marido, pai de seus dois filhos, quando o mais novo tinha nove meses — ele tinha dezoito anos em 2014 —, e sempre os sustentou sozinha. Como o ex-marido estava em um estágio profundo de alcoolismo, ela pensava que, se exigisse pensão, ele não teria como pagar e seria preso. E ela não queria que o pai dos seus filhos fosse parar na cadeia. Além disso, eles nunca brigaram, nunca discutiram, Soraia não gosta de confusão. Quando ele começou a beber até o xarope das crianças, ela só disse “não dá” e foi embora. Arrumou outro namorado com quem ficou nove anos, também sem brigas. Separaram-se porque ele queria filhos e ela não podia mais ter. Soraia estava cansada do trabalho na roça, de ficar o dia inteiro sob o sol quente. Queria sair dali, arrumar outro serviço. E conseguiu, através de um amigo, uma vaga de arrumadeira em um barzinho em Santa Fé do Sul. Foi onde conheceu Geílson.

Quando Soraia fala que amava demais Geílson, lhe vem um nó na garganta. Ao contrário de Nice, seu corpo se fecha ao falar de amor.

**“AÍ UM DIA ELE FALOU ASSIM:
‘VOCÊ NÃO QUER MORAR COMIGO?’.
EU DISSE: ‘VOCÊ NÃO ACHA CEDO?’.
NO QUE ELE RESPONDEU:
‘NUNCA É CEDO PRA RECOMEÇAR’.”**

“O promotor falou que eu trabalhava na zona. Eu trabalhava no bar, de arrumadeira. Eu ajeitava os quartos e vendia bebida. Não tinha nada a ver o que ele tava falando ali. É algo que ele ficou sabendo e tava usando aquilo como peso pra cima de mim. Muitas vezes eu recebia esse tipo de

cantada: 'Você faz?'. E respondia: 'Eu não. Tem as meninas que estão ali, tão dançando. Elas são, eu não. Eu só trabalho de arrumadeira'. Eu tava trabalhando lá fazia dois meses quando conheci o Geílson. Ele não me conheceu me prostituindo, conheceu eu trabalhando, pra mim não importa qual é o lugar, desde que trabalhe e ganhe meu dinheiro.

"A gente ficou junto e ele começou a vir direto, todos os dias. Ele não parecia uma pessoa agressiva. Ele brincava com todo mundo: 'Oh, tentação!', 'Oh, tentação!'. O Geílson que eu conheci no começo era carinhoso, amoroso, ele me levava pra sair, a gente ia na lanchonete. Aí um dia ele falou assim: 'Você não quer morar comigo?'. Eu disse: 'Você não acha cedo?'. No que ele respondeu: 'Nunca é cedo pra recomeçar'. Foi aí que as meninas falaram: 'Soraia, dá uma chance procê, sai daqui, vai viver com ele'. Eu morava junto lá. As meninas que trabalham nesse ambiente, cada uma tem seu quarto. Não é que nem essas casas de prostituição que mora todo mundo junto. Tinha uma mulher grávida que era a dona do estabelecimento e o marido dela estava lá. Não era uma casa de pouca vergonha, era da família deles ali.

"Aí eu larguei o trabalho e fui morar com o Geílson em Três Fronteiras. Deu uma semana e ele já tirou a máscara. Já me trancava dentro de casa. O muro era grandão, não dava pra pular. Ele ia trabalhar, trancava a porta, o portão e levava a chave. Era muito ciumento. Ele fazia asfalto. E de seis em seis meses as empreiteiras dispensam. Aí dispensaram ele. E ele começou só a beber. Bebia muito. Era litro de 51. Era uns *corotinho* de pinga. Nem comia mais. Aí vai vivendo, ele vai discutindo comigo. Ele vinha dizer 'Te tirei da zona', e eu dizia 'Só que você não me tirou eu me prostituindo, você me conheceu eu trabalhando, é a mesma coisa que você trabalhar de faxineira numa casa. Quantas mulheres não trabalham em motel? Elas trabalham pra ir lá ficar com alguém? Não'. E eu sempre relevando.

"Eu não podia sair e nem levar ninguém em casa. Só que ele levava a *colgaiada* pra beber e depois ficava com ciúmes dos colegas. Só que eu nunca dei moral pra ninguém. Aí eles iam embora e ele já começava a me bater: 'Você estava olhando'. Eu falava: 'Geílson, se você não quer que eu converse com os seus colegas, é uma falta de educação seus colegas chegarem aqui e eu ficar com a cara feia. Eles não têm culpa de estar vindo aqui. Então você para de trazer. Aí eu não converso com ninguém, não faço sala pra ninguém'. Aí ele começou pro lado já agressivo. E eu cuidava da casa, ele me xingando ou não, eu sempre fiz minha obrigação. Que nem eu falo pra minha menina: 'Você pode brigar, fazer o que for, mas sua obrigação de esposa dentro de casa você tem que fazer'. Ele brigava muito quando queria um tira-gosto. Ele comprava as coisas pra gente pro dia a dia e os colegas comiam tudo.





Aí queria mais e não tinha. Como eu ia fazer se não tinha? Aí é onde ele me batia, me puxava pelo cabelo.

“Depois de quatro meses, eu que não quis mais sair de casa, fiquei com vergonha. Teve um dia que a gente foi na lanchonete e tinha um rapaz e uma moça do nosso lado. Eu olhei pro casal. Não foi nem pro cara, foi pro casal. E ele me bateu dentro da lanchonete. Na frente de todo mundo. E ele ainda nem tava bêbado nesse dia. Depois que acostumou com a agressão, tanto fazia ele bêbado ou não. Aí eu parei de sair de casa.”

• • •

DORALICE me avisou para não chegar muito tarde porque não tem luz elétrica onde ela mora, na beira de uma estrada de terra a vinte minutos do centro de Catanduva, interior de São Paulo. O dia já está quase indo embora quando o táxi para em frente a uma pequena casa de madeira e avisto, ao fundo, uma senhora forte de olhos miúdos, bochechas salientes e pele branca curtida do sol. Ela acena para mim animada, como quem espera uma visita querida de alguém de quem sente saudades. Combino com o taxista, pedindo que ele volte para me buscar em uma hora.

Logo que saio do carro sinto um forte cheiro de lenha. Escuto barulho de grilo, latidos de cachorro. Sinto picadas de mosquitos. Doralice puxa um banquinho da cozinha rústica para que eu me sente e fica apoiada na bancada. Também não quer saber muito do teor da minha pesquisa, só pergunta se será filmada, se vai aparecer na televisão. Ela não tem problema nenhum de me contar toda a vida dela, mas acha que teria vergonha de fazer isso diante de uma câmera. Falo que a gente não precisa se preocupar com isso agora e começamos a conversar como se já nos conhecêssemos. Ela fala sobre sua vida sem pudores, com as emoções à flor da pele, alternando riso e choro a todo instante.

No meio da conversa surge Davi, seu novo namorado. É um homem forte e tímido, doze anos mais novo do que ela. Ele veio pegar lenha e pergunta se Doralice lavou a rúcula. Ela responde que sim. Ele sai de cena, diz que não quer atrapalhar.

Doralice precisa de ar puro. Costuma surtar na cidade, sente-se sufocada. Ficou assim desde que foi presa. Nunca pensou que seria presa na vida, sempre trabalhou honestamente, em hospital, consultório de dentista, passou quinze anos cuidando de idosos. “Sou uma pessoa de paciência.” Ela diz isso e me leva até uma ampla horta atrás da casa, de onde vemos o sol se pôr atrás das montanhas. Ela me mostra as hortaliças que planta e diz que faz bem a ela mexer na terra. Conta que ali também tem vaca, bezerrinho, ela tira leite de manhã bem cedo. Oferece

um gole de leite e eu recuso educadamente. “Meu pai foi retireiro, trabalhou treze anos tirando leite de vaca. Eu era a filha mais velha”, ela conta e lembra-se de que seu pai era um homem bem severo, do tipo que se colocava no meio do sofá, entre ela e o namorado. Precisou fugir de casa aos quinze anos para poder namorar em paz com um rapaz dez anos mais velho. “Eu fugi dia 5 de junho e quando era 8 de agosto meu pai me fez casar na igreja e no cartório.”

Doralice engravidou logo em seguida, teve três filhos e viveu um calvário por 31 anos. Seu ex-marido era um homem agressivo, que batia nela e a deixava trancada no quarto por longos períodos. “Eu levava comida, água gelada, *ponhava* debaixo da cama, ficava assistindo televisão. Ele chegava e via que eu tava sossegada, erguia a cama e tacava no chão pra me acordar. E eu nunca pirraçava. O dia que eu revidei contra ele foi o dia que separei dele. Empurrei ele e disse: ‘Você não vai me trancar mais’. Aí veio me batendo, meu filho entrou no meio, eu empurrei e ele caiu de costas. Aí ele disse: ‘Então vai embora daqui’. Eu disse: ‘Vô, tô indo já’. Catei minha mudança, ele foi pro bar e disse: ‘Quando eu voltar não quero ver você aqui’. Quando ele voltou, minha mudança já tava em cima do caminhão.”

Doralice diz que só aguentou viver assim por conta dos filhos, porque lhe agradava ter uma família, gostava de ter o filho frequentando a escola e podendo falar “esse é meu pai, essa é minha mãe”. Quando viu que os filhos estavam todos casados, que era avó de seis netos, pensou: “Agora não tem mais ninguém pra cuidar, agora é só eu mesmo, tem que cuidar de mim”. Aí ela foi embora. Estava com 49 anos.

Doralice estufa o peito e diz que é uma pessoa decidida. Faz isso sorrindo e sem se gabar. Foi ela quem pediu o ex-marido em namoro. Conheceu-o jogando bola, ele era goleiro e ela jogava na ponta esquerda, “era canhoteira”. O pai de Doralice era o treinador do time dos homens e das mulheres, e eventualmente misturava todo mundo. “Aí mexi com ele, praticamente fui eu que pedi ele em namoro. Ele era meio tímido. Zé também era. Eu gosto assim.”

Ela suspira quando fala de Zé, estica os braços e mostra a pele toda arrepiada.

**“EU SAÍA DO TRABALHO AO MEIO-DIA
E IA PRA CASA, LIMPAVA, FAZIA COMIDA,
DEIXAVA A JANTA PRA ELE.”**

“Depois que separei fui morar com minha mãe em Pindorama, e a dois quartos da nossa casa tinha o salão de baile Guizada. Foi lá que eu vi o Zé por uma janelinha. Era loiro de olhos verdes. Ele tava no bar e eu embaixo dançando, foi quando ele bateu aquele olhar dele assim, aquele olho de gato que atraía a gente, um olhar bonito. Aí a gente ficou junto. No dia seguinte ele me ligou e falou: ‘Eu quero que você vá na minha casa’. Eu fui na casa dele em outubro de 2011, no Dia das Crianças. Aí ele não me deixou voltar mais pra casa. Fiquei morando com ele. Ele era doze anos mais novo que eu. Eu tenho uma coisa de atrair rapaz novo.

“Quando eu cheguei lá ele tava trabalhando na usina. Dispensaram ele, ele não achava trabalho em lugar nenhum e só eu que trabalhava. Aí eu comecei a pagar o aluguel, a força, a água. Eu que *ponhava* as coisas dentro de casa. Eu cuidava de dois idosos, um de noite e um de dia. Eu limpava a casa, fazia almoço, dava banho e vinha embora pra casa. Quando dava sete horas eu ia dormir com o outro idoso. Então eu ficava só sábado e domingo com o Zé. E ele ficava de dia em casa, de noite em casa. E ele também não era muito de sair. Só que ele não fazia nada dentro de casa. Eu chegava e tava uma zona. Eu sempre fui arrumadinha. Eu saía do trabalho ao meio-dia e ia pra casa, limpava, fazia comida, deixava a janta pra ele. Quando dava sete horas ele me levava de moto no outro emprego. Eu amava ele.

“Ele dizia que não tinha família, que só tinha a vó dele em São Paulo, que era dona de apartamento lá. Fazia dez anos que ele não falava com a mãe, ela tava na Paraíba. Aí eu fiz ele falar com ela. Ele ligou, ela disse que achou que ele tinha morrido. Ela fala tão calminha. ‘Cuida dele pra mim’, ela falou. Eu tentava. E no começo foi tudo bem, só que ele já tinha um jeito estranho de tratar a gente. Às vezes eu ia conversar ou brincar e ele respondia mal. Eu falei: ‘Meu Deus, que será que eu tô fazendo aqui?’. Mas eu gostava dele.”

O táxi chega para me buscar e Doralice lamenta, gostaria de ficar mais tempo conversando. Ela me abraça com força e me deseja tudo de lindo na vida. Diz que, apesar do porte de gente importante, eu tenho uma alma simples, como a de um anjo. Meses depois ela me telefona e repete essas mesmas palavras. Diz que gostou demais de conversar comigo, que eu parecia uma psicóloga, que fiz muito bem para ela. Está ansiosa para que eu a visite novamente, vai chamar sua família e fará uma festa para me receber.

As palavras de Doralice me emocionam e me fortalecem, muito embora eu saiba que se trata de uma exceção diante do que já havia encontrado e ainda encontraria pelo caminho desta pesquisa. A regra, entendo, é

que não é fácil contar um trauma para uma pessoa estranha e que poderia expô-la para muitas outras pessoas desconhecidas. É necessário um tempo de luto, de elaboração, geralmente são anos e anos para conseguir ou até mesmo sentir necessidade de falar. Precisei me apegar às exceções e entender que, por mais que quisesse dar voz a essas mulheres, a maioria preferia continuar calada.

DESDE 2005, O INSTITUTO DE PESQUISA DATA-SENADO REALIZA, DE DOIS EM DOIS ANOS, UMA PESQUISA TELEFÔNICA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER. EM 2017, A PESQUISA CONSTATOU QUE:

- **AUMENTOU O NÚMERO DE MULHERES QUE DECLARAM TER SOFRIDO ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: O PERCENTUAL PASSOU DE 18%, EM 2015, PARA 29%, EM 2017.**
- **HOVE CRESCIMENTO TAMBÉM NO PERCENTUAL DE MULHERES QUE DISSERAM CONHECER ALGUMA MULHER QUE JÁ SOFREU VIOLÊNCIA DOMÉSTICA OU FAMILIAR PRATICADA POR UM HOMEM: O ÍNDICE SALTOU DE 56%, EM 2015, PARA 71%, EM 2017.**
- **ENTRE AS MULHERES ENTREVISTADAS, 90% DECLARAM ESTAR DISPOSTAS A DENUNCIAR, CASO PRESENCIEM UM ATO DE AGRESSÃO A OUTRA MULHER.**

- PARA 69% DAS ENTREVISTADAS, O BRASIL É MUITO MACHISTA.
- A PESQUISA APONTOU QUE 100% DAS ENTREVISTADAS AFIRMARAM JÁ TER OUVIDO FALAR SOBRE A LEI MARIA DA PENHA, SENDO QUE 77% DIZEM CONHECÊ-LA POUCO, ENQUANTO 18% AFIRMAM CONHECER MUITO A LEI.
- A PESQUISA AVALIOU TAMBÉM A PERCEPÇÃO DAS ENTREVISTADAS SOBRE O QUANTO A LEI MARIA DA PENHA PROTEGE AS MULHERES CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR. PARA 26%, A LEI PROTEGE AS MULHERES; 53% DISSERAM QUE PROTEGE APENAS EM PARTE; ENQUANTO 20% RESPONDERAM QUE NÃO PROTEGE.
- ENTRE AS MULHERES QUE DISSERAM NÃO TER SOFRIDO VIOLÊNCIA, 17% AVALIARAM QUE A LEI MARIA DA PENHA NÃO PROTEGE AS MULHERES. JÁ ENTRE AQUELAS QUE AFIRMARAM TEREM SIDO VÍTIMAS DE ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA OU FAMILIAR, ESSE PERCENTUAL SOBE PARA 29%.

• • •

Tempos atrás, na vizinhança de um conhecido na Baixada Fluminense, uma menina de dezessete anos que sofria constantes agressões do namorado acabou matando-o para se defender. Fomos atrás do contato da jovem. **DEISE** era o seu nome. Telefonei para ela e falei da pesquisa, do projeto. Com uma simpatia tímida, Deise responde que poderíamos nos encontrar para conversar pessoalmente, de preferência longe de Mesquita, onde morava naquele momento. Poderia ser no centro do Rio. Sugiro o restaurante Amarelinho, na Cinelândia. Ela topa.

Deise usa roupas justas e caminha com timidez, como se sentisse vergonha de sua indiscutível beleza. Tem a pele negra e os cabelos pretos lisos que balançam enquanto caminha. Todo mundo repara quando ela chega no restaurante. Senta-se de frente para mim e para minha irmã Leda, sorri de um jeito meigo e diz que não quer comer nada. Conta que faz seis anos que “aquilo” aconteceu e é a primeira vez que ela consegue falar sobre o assunto. “Eu ia muito na igreja pedir proteção e entender que eu agi em defesa, que se não fosse ele seria eu. Até eu colocar isso na cabeça... Quando eu ia na psicóloga eu chorava em lágrimas. Agora tô falando friamente com vocês, mas antes... Tive que trabalhar muito pra conseguir falar do jeito que estou falando.” Deise permanece com o corpo enrijecido, só move as mãos eventualmente e com discrição para ajeitar o cabelo escovado, e de fato narra tudo como se repetisse um discurso construído dentro de si ao longo de todos esses anos. Só se emociona uma vez, quando se lembra da fragilidade do ex, Fábio, e do amor que sentia por ele.

**“SÓ QUE O FÁBIO NÃO QUERIA NADA
COM NADA, ESSA É A VERDADE.
E EU QUERIA SER A MADRE DE CALCUTÁ,
FAZER MILAGRE.”**

“Conheci o Fábio com treze anos, *me perdi* com catorze anos. Era superapaixonada por ele. Minha mãe era empregada doméstica e gastava o dinheiro dela todo na Talentos Brilhantes, uma agência de modelo e atriz. Depositava a esperança dela em mim. E meu sonho era ser atriz. Eu ia fazer quinze

anos, a festa já toda paga, quando eu descobri que estava grávida. Eu não sabia de nada como funcionava, não tinha amizade com ninguém e minha mãe não conversava comigo sobre ‘essas coisas’. Meu pai ficou chocado, minha mãe decepcionada. Teve que suspender tudo. Eu queria morar com o Fábio, mas minha mãe nunca deixou. Era cada um na sua casa. Uma vez tentei fugir pra ficar com ele na Rocinha, só que logo minha mãe descobriu, foi atrás de mim e me levou pra casa de novo.

“Eu sempre gostei de estudar. Não era essas meninas de farra. Quando eu comecei a namorar o Fábio, o pessoal falava: ‘Caraca, não faz isso, não. Esse garoto não presta’. Mas mulher apaixonada é cega. Eu amava muito ele. Gostei dele logo de cara quando a gente se conheceu numa festa de praça. Sinceramente foi o único homem que eu amei na minha vida. Depois fiquei fria. Quando eu conheci ele não sabia o que era a vida. E quando ele não tava bêbado me tratava bem, no início ele era legal.

“Lembro que às vezes ele chegava com fome na minha casa e como minha mãe não gostava dele, ela não deixava ele entrar. Eu pedia pra ela um prato de comida e levava pra ele comer lá do lado de fora. Coitado. Era uma pessoa muito rude. Já sofreu muito, foi criado por uma avó muito agressiva, cresceu assim. Era carente demais. Eu também. Juntou carência com carência.

“Acho que ele se afundou nas drogas por ser carente de mãe, carente de pai. O pai dirige caminhão de lixo e não dava atenção pros filhos. A mãe morreu de câncer muito nova. Ele cresceu agressivo. Brigava com os amigos dele. Diziam que ele era maluco. Eu fiz de tudo pra tirar ele da vida que ele levava. Meu pai era pintor de navio e tentou arrumar emprego pra ele. Só que o Fábio não queria nada com nada, essa é a verdade. E eu queria ser a Madre de Calcutá, fazer milagre. Tentei, mas não consegui. Agora aconselho minhas amigas: você nunca vai conseguir fazer milagre, não existe. Sai fora. Falo logo a realidade, não quero que passem pelo que passei. Tem horas que não tem como segurar a lágrima mesmo, tento ser fria, mas não tem como. É um sofrimento muito grande.”

SEGUNDO PESQUISA DO DATASENADO, ENTRE AS ENTREVISTADAS QUE SE DECLARARAM **BRANCAS** E QUE AFIRMARAM TER SOFRIDO VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR, **57% INFORMARAM TER SIDO VÍTIMA DE VIOLÊNCIA FÍSICA E 11%, SEXUAL.** ENTRE AS MULHERES **NEGRAS** (PRETAS E PARDAS), AS PORCENTAGENS SÃO EXPRESSIVAMENTE MAIORES: **74% DECLARARAM TER SOFRIDO VIOLÊNCIA FÍSICA E 17%, SEXUAL.**

SEGUNDO O MAPA DA VIOLÊNCIA 2015: HOMICÍDIO DE MULHERES NO BRASIL — PESQUISA ELABORADA PELA FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FLACSO), COM O APOIO DO ESCRITÓRIO NO BRASIL DA ONU MULHERES, DA ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OPAS/OMS) E DA SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES (SPM) DO MINISTÉRIO DAS MULHERES, DA IGUALDADE RACIAL E DOS DIREITOS HUMANOS —, **A TAXA DE ASSASSINATOS DE MULHERES NEGRAS AUMENTOU 54% EM DEZ ANOS, PASSANDO DE 1.864, EM 2003, PARA 2.875, EM 2013.** EVIDENCIANDO O PESO DO RACISMO NA VIOLÊNCIA LETAL, NO MESMO PERÍODO O **NÚMERO DE HOMICÍDIOS DE MULHERES BRANCAS DIMINUIU 9,8%, CAINDO DE 1.747, EM 2003, PARA 1.576, EM 2013.**





ELAS SOBREVIVERAM PARA CONTAR

HORA
536

mulheres são vítimas
de agressão física
por hora no Brasil

DIA
13

mulheres são
assassinadas
por dia no Brasil



Elas em Legítima Defesa acompanha as histórias reais de Nice, Soraia, Deise, Doralice, Emília e Úrsula, vítimas de relacionamentos abusivos e de violência doméstica, que atingem milhões de mulheres no Brasil todos os dias. Seus relatos rompem um padrão de silêncio na nossa sociedade e resgatam a voz e a dignidade de mulheres que viveram o verdadeiro horror — e sobreviveram para contar.

QUEM
88%

das vítimas de
feminicídio no
Brasil são mortas
pelos companheiros
ou ex-companheiros